

Ana Leticia, Frank Schaeffer, Mario Toral e Sergio de Camargo

CONFORME é notório a quando acompanham o movimento de artes visuais em São Paulo, a última exposição da Galeria das FOLHAS abrangia trabalhos de 6 artistas: a gravadora Ana Leticia, o pintor Aluisio Cavali, que também apresenta desenhos; o pintor Rubem Mauro Tadolf, que ora expõe apenas desenhos; o figurativo Frank Schaeffer, o pintor chileno da nova geração Mario Toral, e o escultor carioca Sergio de Camargo.

Domingo passado já analisamos as características e os atributos da arte dos dois concretistas, o paranaense Aluisio Cavali, e o alagoano Rubem Tadolf, desde muito radicados no Rio. Pretendo agora tratar dos trabalhos dos outros expostos.

Ana Leticia, primeiro estudou

pintura, tendo sido aluna no

Brasil de Iberê Camargo, Ivá

Serra, e Bustamante de Sá; e,

em Paris, de André Lhote. Como

gravadora, sempre cursou o

Ateliê de Iberê Camargo. Estreou

em exposições em 1958, já tendo participado de diversas

que lhe proporcionaram ensino

para diversos prêmios e menções

honoríficas.

Conheci primeiramente seus

trabalhos na IV Bienal de São

Paulo, quando fixo parte do juízo

de seleção. Apreciei sobretudo

suas gravuras sobre metal. Se

uma, de 1955, Parque, tinha a

suavidade lírica e inefável

duma ronda infantil; já as

outras, zombarças e fíctivas

geométricas (formigas, plantas

etc.), todas de 1956 e 1957, si-

tuaram desde logo essa gravadora

em alto plano nesse meta-

lisa nacional tão do gosto de

certos temperamentos artísticos

e introvertidos de mulheres

sensíveis.

Agora, Ana Leticia honra a

Galeria das FOLHAS e situa-se perante os visitantes e os críticos num apice incomparável com as dez águas-fortes que constituem seu pequeno mundo negrejante, onde a técnica sagaz é ao mesmo tempo discreta do relevo, da água-tinta e da ponta seca cria em superfícies cenárias noturnas de nos japoneses cujos artistas são uma velha, uns cavalos, um tatu, e cuja decoração singular decorre de unidades tais como laranjas, peras, romãs e frutas. O segredo poético de Ana Leticia é conferir a essas figuras e a essas naturezas-flores uma sobriedade de deformação ou melhor de metamorfose, espiritualizando o objeto numa atmosfera que ora lembra Mogandi, ora Carrá, ora Yozo Hamaguchi. Ao visitante apressado, que visita a seção japonesa da IV Bienal, poderá parecer mesmo que seus atuais trabalhos estão influenciados na composição e no tratamento pelas peças com que aquele japonês logrou o Grande Premio Internacional de Gravura no Ibrapueira. Seria uma dedução apressada; já na IV Bienal de São Paulo havia certa analogia com Hamaguchi, o que portanto fala em coincidência, analogia, e não influxo.

A delicadeza obtida, a noturnidade estática da atmosfera lírica, a perda filigranada quase de matéria, eis os atributos que já incuam na obra de arte desta escultora no próximo triunfo internacional, visto já ser dos maiores artistas nessa categoria gráfica, no Brasil.

O pintor Frank Schaeffer, continuando figurativo, todavia se transformou muito. A tela Jangradas tem ainda o empastamento difuso de outrora; mas A Ponte, e A Festa dos

José Geraldo VIEIRA

Músicos já são clarificados por atmosfera e cores, bem como por uma riqueza de matéria; isso se acentua principalmente em Santa, onde gamas e tons valorizam sobremaneira sua fatura. O Cristo e dum expressionismo pernequeado interessante.

Frank Schaeffer tem uma temática plurivalente, indo da paisagem ao episódio, da figura à natureza-morta, do assunto religioso ao folclore. Varia também sua técnica, ora sendo expressionista, como em O Cristo e A Santa; ora purista como em Garrafas; ora decorativo como em Músicos. Os motivos sofrem felizmente dum intenção mínima de episódio rotineiro, servem mais de pretexto para superposição de efeitos bem cromáticos de largo metá e evidente evolução para melhor.

O jovem artista chileno Mario Toral, que mora em São Paulo, apresenta dez telas tratadas por processo cujo intento dirijo, imediato, é o artesanato do fundo de tela, em modalidade severa de tratamento de matéria.

Vários trabalhos indicam pesquisa; outros já significam soluções. Pensei de início que Mario Toral estivesse voltado para os problemas atacados violentamente por Antonio Tapies entre 1956 e 57 e por Manuel Millares em 1957. Não se trata, porém, nas telas apresentadas na Galeria de Arte das FOLHAS, de trabalhos feitos em serrapilheira. Seria mais coerente, diante dessas telas, falar dos caminhos artesanais de Alfredo Chigulne. Por enquanto Toral está em



"Santa" — pintura de Frank Schaeffer

plenas superfícies de efeitos geodesicos. Talvez venha a encontrar ainda uma perspectiva e um motivo de natureza, na obra tropical, por exemplo, já conseguida por Leopoldo Raimo.

Apresentei ao publico paulista o escultor carioca Sergio de Camargo, que impõe o lado plástico na atual exposição simultânea da Alameda Barão de Limeira. Acrescentarei ao que escrevi no catalogo, ou melhor sublinharei o seguinte: Que Sergio de Camargo infunde na sua temática uma poesia simbólica de signos e de valências, mesmo quando seus trabalhos abstratos oscilam entre Brancusi e Eugène Dodeigne. Atendo-se ainda à escultura maciça, ou tendendo de leve para a escultura aberta, con-

tudo ainda as trata em superfícies e não em espaços.

Sua unica peça ainda totalmente maciça, Amantes, é dum fatura ao mesmo tempo literaria e plastica, simbólica e artesanal. Aliás, nas peças em areito e pedra-sabão, sua fatura é maciça, com um ritmo de retórica lírica. Já nas peças em alumínio e bronze, a tendência é mais livre como assunto, porém mais tratada nas orbitas dum orfismo mistico entre André Ramsayer e Martha Pan. Vocação legitima, conhecimento agudo das técnicas e tendências. Sergio de Camargo experimenta com virtuosismo discente diversas maneiras, dando prova dum plurivalência demonstrativa de sagaz presença nos diversos circuitos do artesanato plastico.



"Os Amantes" — escultura de Sergio de Camargo